

Cinema
de
Arte

Acervo Digital

Walter
da Silveira

promoção

organização

direção

do

Clube de Cinema da Bahia

5 - junho - 1965

"TERRA DO SONHO DISTANTE"

("América América")

Acervo Digital

FICHA TÉCNICA:

Realização	— Elia Kazan
Argumento e roteiro	— Elia Kazan, sobre seu romance "America América"
Fotografia	— Haskell Wexler
Cenografia	— Gene Callahan
Música	— Manos Hadjidakis
Montagem	— Dede Allen
Interpretação	— Stathis Giallelis, Elena Karam, Harry Davis, Frank Wolff, Gregory Rozakis
Produção	— Elia Kazan, 1964

De uma família grega que emigrou de Constantinopla, onde nascera em 1909, para os Estados Unidos, onde desembarcou em 1913, Elia Kazan (dijopou-los) escreveu e filmou "America America" num tom de elegia que tanto tem de história de seus antepassados como de sua própria biografia.

Possuindo de uma ambição igual à de seu jovem personagem, o emigrante Kazan, enquanto ajudava os seus no comércio de tapetes em Nova York, estudava arte dramática na Universidade de Yale. Atraído em 1931 pelo **Group Theater**, que à base do "método" de Stanislavski reunia a pesquisa do realismo psicológico a um certo progressismo social, foi ascendendo de acessorista a assistente de diretor, ator, por fim diretor desde 1938. Interpretando papéis secundários no cinema e realizando duas curtas-metragens, atingiu à longa-metragem em 1945 com "Laços humanos" ("A tree grows in Brooklyn"), simpaticamente recebido pela crítica, despresado pelo público. Mas, não abandonou o teatro: além de montar peças de Arthur Miller e Tennessee Williams, fundou com Lee Strasberg o **Actor's Studio**, que, também aplicando o "método" de Stanislavski, veio a exercer e ainda exerce uma profunda influência em toda parte, por sua técnica de trabalho. Alguns dos grandes atores de nosso tempo formaram-se nessa escola, vários diretamente descobertos por Kazan: James Dean, Marlon Brando, Montgomery Clift, Paul Newman, Rod Steiger, Karl Malden, Shelley Winters, Carrol Baker. E quase todos foram também pessoalmente conduzidos por ele para o cinema, numa filmografia que, entre ascensões e declínios, inclui obras de decisiva importância temática ou formal: "O justiceiro" ("Boomerang"), "A luz é para todos" ("Gentlemen's agreement"), "Pânico nas ruas" ("Panic in the streets"), "Uma rua chamada pecado" ("A streetcar named Desire"), "Viva Zapata", "Vidas amargas" ("East of Eden"), "Um rosto na multidão" ("A face in the crowd").

Muito controvertido por suas posições diante da sociedade — teve a audácia ideológica de romper com o Partido Comunista americano, mas teve também a indignidade política de denunciar pessoalmente os seus antigos companheiros, sob a pressão do macartismo —, Kazan nunca deixou de ser para homens como Stanley Kubrick "o melhor diretor que existe na América", para outros como Vincent Minelli "o único que compreendeu Stanislavski, pesquisando a verdade absoluta dos personagens", ou ainda para Robert Aldrich "o mais ousado na escolha dos temas". ("La méthode — revue de cinemá, ns. 2/3).

Aqui, em "America America", somam-se as experiências vitais e artísticas de Kazan, menos a do conformismo e da debilidade de um certo período. Embora o drama de Stavros pertença, no filme, ao fim do século XIX, e Kazan pretenda relatá-lo na terceira pessoa, ao modo de evocação de uma época morta, o testemunho nos parece mais pessoal e menos longínquo. A peregrinação do jovem grego recebeu aquele tratamento crispado e barrôco de toda a obra de Kazan: há, em "America America", um sentimento, contudo, que o caracteriza mais do que um filme de autor, pensado, escrito e dirigido pelo realizador. O sentimento existencial. Stavros, para cumprir sua ambição, tem certas coragens típicas de Kazan, porém ainda certas covardias que o marcaram: apenas, artisticamente, operou-se uma transposição geográfica e cronológica. Se o método de Stanislavski consiste em achar para cada personagem um comportamento individual, uma conduta em que possa haver nos perso-

nagens negativos características positivas e nos positivos o adverso, Kazan, sempre um admirável diretor de atores, revelador de desconhecidos, teria atribuído a Stathis Giallelis uma condição de autenticidade tão profunda que, além de identificá-lo com o personagem a criar, o identificou com êle próprio, numa reconstituição que se não é autobiográfica como história, o é como pensamento, emoção e linguagem.

Deve ter havido um permanente desejo de perfeição técnica em "America America": a beleza cinematográfica que nasce com a primeira imagem e só termina com a última encontrou de seus colaboradores, até agora sem qualquer fama como fotógrafos, montadores, intérpretes, cenógrafos, compositores, um extraordinário rendimento. Alguns dos planos e várias das cenas dêste filme têm perenidade antológica, sobretudo as do começo. Não foi em vão que Elia Kazan assumiu pessoalmente o encargo de toda a produção.

Acervo Digital

Walter da Silveira

PRÓXIMOS PROGRAMAS:

Dia 12 — "Sorrisos de uma noite de amor", de Ingmar Bergman

Dia 19 — "Os indiferentes", de Francesco Maselli

Dia 26 — "Rocco e seus irmãos", de Lucchino Visconti

* Junho é o mês em que o **CLUBE DE CINEMA DA BAHIA** faz quinze anos *